

## Uma saudade que vai doer

Mauro Braga<sup>1</sup>

Aquela reunião estava tensa. Um grupo de docentes da UFMG tratava de assunto espinhoso com o presidente da Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD), o Professor José Alberto Magno de Carvalho, com quem eu conversava pela primeira vez. Nos meus 32 anos, já estava para fazer dez anos de docência na UFMG. Em dado momento, sem me dar conta de que estava sendo irreverente, fiz uma brincadeira com o coordenador da reunião. A face do Zé Alberto registrou sua insatisfação com minha ousadia, mas nada além disso. Não seria a primeira e nem a última que eu iria fazer uma grande amizade, dessas de toda a vida, a partir de contatos arestosos.

As trapaças da sorte e um estatuto ultrapassado fizeram com que, poucos meses depois, estivéssemos na mesma equipe de reitorado. E, então, aquele arrufo inicial deu lugar a empatia e identificações que, rapidamente, se transformaram em amizade duradoura e afeto mútuo profundo. Quando o Zé Alberto decidiu candidatar-se a reitor, eu estava a seu lado, como um dos colaboradores mais frequentes. Não tivemos sucesso, mas, por uma ação indireta dele, acabei tornando-me seu sucessor na CPPD. E ele tornou-se diretor da Face, que ainda funcionava no centro da cidade, em local completamente inapropriado. Como a Face tinha curso noturno, o Zé julgava era seu dever dar plantão duas vezes por semana à noite. Não que ele tivesse muito o que fazer, mas julgava que sua presença simbolizava o apreço do diretor pelos estudantes da noite. Com certa habitualidade, ele tinha alguém com quem conversar. Criei o hábito de deslocar-me de minha casa, próxima do *campus* da Pampulha, para conversar com o Zé, sobre os mais diferentes assuntos, de universidades a futebol, uma vez por semana, ou quase isso.

Ao mesmo tempo, tinha a colaboração dele, no Conselho Universitário, para a formulação e implantação de uma política de pessoal docente sustentada no binômio produção e transmissão do conhecimento, política que havia se iniciado em sua gestão na CPPD e que eu estava tendo a oportunidade de conduzir sua continuidade e seus desdobramentos. Foi ele, como diretor da Face, quem forneceu à CPPD seu primeiro computador: em 1987, talvez. Faço aqui um parêntese: uso a expressão binômio produção e transmissão do conhecimento em vez da mais usual – o tripé ensino, pesquisa e extensão –, por considerar que ensino, pesquisa e extensão são ações por meio das quais ocorrem a produção e a transmissão do conhecimento.

Houve momentos em que, em decorrência das atividades profissionais e dos compromissos familiares, nossos contatos pessoais escassearam. Mas sempre buscávamos, de alguma forma, evitar que eles se prolongassem. Com a vinda da Face para o *campus*, retomamos a habitualidade desses contatos e passamos a almoçar juntos com frequência, mesmo depois que nos aposentamos. Almoços em que o Zé, geralmente, fazia-se acompanhar de outros colegas da Face. Mais recentemente, a presença do Professor Clélio Campolina transformou o duo em um trio. Conversávamos sobre os mais diferentes assuntos: a universidade e o tempo que passamos nela, política, literatura, música, esportes, as pescarias lideradas por Dona Mariquinhas, sua mãe, que impunha a condição de ser a única mulher do grupo, enfim, uma infinidade de temas. E, claro, vez por outra, a sua paixão maior na área acadêmica: a demografia. Não foi raro termos escolhas políticas diversas e, até mesmo, chegamos a apoiar candidatos diferentes para reitor. Mas isso nunca acarretou sequer um tom mais exaltado em nossas conversas. Nos últimos

---

<sup>1</sup> Professor aposentado do Departamento de Química da UFMG, onde trabalhou por 40 anos.

tempos, convergimos plenamente na repulsa ao bolsonarismo e à ameaça que paira sobre o futuro do sistema das universidades federais e sobre a institucionalidade democrática do país.

O último almoço foi no início de março. Estávamos só os dois e ele falou sobre os planos de uma festa para comemorar os 80 anos, em novembro. Combinamos de voltar a nos encontrarmos em 15 dias. Já não foi possível. Na quarentena, nos falamos diversas vezes, por telefone, até mesmo em uma ligação de vídeo, com a ajuda da Maria Flor. O telefonema da Nazaré sobre o tombo foi um baque, mas achava que seria apenas um mau pedaço. Com o passar dos dias, as notícias pioravam, mas houve um momento em que a esperança abriu uma greta em sua janela e nos alegrou. Então, aproveitando a referência da Nazaré, enviei a ele, pelo telefone da Marta, a interpretação de Dalva de Oliveira de sua canção preferida: “Saudade”, do gaúcho Jayme Redondo, composta em 1930. Ele quis falar comigo e a Marta fez a ligação de vídeo. Foi uma conversa bem curta, porque ele não estava em condições de falar muito. Acabou sendo uma despedida e muito agradeço à Nazaré e à Marta terem me propiciado essa despedida.

Prezada Professora Paula Miranda-Ribeiro, que me honrou com o convite para escrever algumas linhas sobre o Professor José Alberto Magno Carvalho, desculpe-me. Não consegui. Falei apenas sobre o Zé. Sei que ele foi o maior do Brasil em sua área de atuação e um dos grandes no cenário internacional. O Campolina me disse que ele é o pai da demografia brasileira. Li e ouvi isso de outras fontes. Mas quem eu conheci mesmo foi o Zé Alberto, o cara simples, o amigo de todas as horas, o companheiro com quem tinha prazer de conversar horas e horas, que não me faltou nunca, que foi capaz de relevar a imprudente brincadeira que lhe fiz em nosso primeiro encontro. Um amigo com quem compartilhei um vício. Vício que certamente aprendi, em parte, com ele: a UFMG. Ele se doou a ela com determinação, trabalho incansável, competência, sabedoria e afeto, nas salas de aula, nas bibliotecas, nos laboratórios, aqui entendidos como um espaço algo indefinido, na Diretoria da Face, no Cedeplar, no Conselho da Fundep, na CPPD, no Conselho Universitário e nas diferentes comissões, que cuidaram de temas espinhosos porque ele jamais recusou um apelo para cooperar, fosse quem fosse o reitor.

Agora é pegar com Jayme Redondo: “saudade, quem é que não tem; só mesmo alguém que nunca quis bem”. E aprender a conviver com ela e seu desconforto.